
O PERFIL PESSOAL COMO GÊNERO TEXTUAL EMERGENTE EM SITES DE RELACIONAMENTO: DEFINIÇÕES E FUNCIONALIDADES¹

Wellington Carvalho de Arêa Leão² (IESM)
weleao@hotmail.com

Ediane Silva Lima³ (IESM)
limaedianeblues@yahoo.com.br

Resumo: Este artigo se propõe a analisar o gênero textual emergente perfil pessoal, divulgado em *sites* de relacionamento, de acordo com a perspectiva cultural, sociorretórica/sócio-histórica de análise de gênero. Baseia-se também nas teorias pertencentes ao campo científico da Linguística Textual. Em consonância com as concepções de estudo dos gêneros do discurso em Bakhtin [1979] (1997), gêneros textuais emergentes em Marcuschi (2009), análise de gênero em Bazerman (2009) e base cultural dos gêneros em Miller (2012) é que este trabalho proporcionará ao leitor uma percepção das peculiaridades formais e funcionais dessa nova estrutura textual já materializada nos ambientes virtuais, além de buscar os efeitos que o “relacionar-se virtualmente” pode causar na sociedade, criando, assim, um novo comportamento digno de uma análise detalhada. O relacionamento virtual é uma nova modalidade de encontro que vem atraindo um número cada vez maior de usuários por todo o mundo, mediante atos comunicativos gerados na *internet* que, sem dúvida, suporta uma variedade de gêneros digitais emergentes. Assim, formas discursivas em textos de sites de relacionamento merecem uma investigação detalhada, devido à criatividade de suas manifestações linguísticas. A opção por investigar essa temática se dá a partir da observação primária como usuário de alguns *sites* dessa natureza, posteriormente pela inquietação em ver as estruturas linguísticas presentes nos perfis pessoais se modificarem ao longo dos anos, trazendo assim, novas formas de linguagem virtual. Os resultados deste estudo apontam para a existência do gênero textual emergente perfil pessoal, com finalidade própria e presente em suporte específico, o *site* de relacionamento.

Palavras-chave: Perfil pessoal. *Sites* de relacionamento. Análise de gênero.

1 Introdução

O tema gênero textual está bastante em voga, principalmente pelo fato de os estudos a respeito dos gêneros textuais emergentes serem hoje campo fértil para análises, tendo em

¹ Trabalho de Conclusão de Curso produzido na disciplina de TCC II, ministrada no Instituto de Ensino Superior Múltiplo – IESM-Timon/MA, em 2014.1, pela professora Dr^a. Lucirene da Silva Carvalho, como requisito para finalização do curso de Letras: Português e Inglês.

² Graduado em Letras: Português e Inglês (IESM-Timon/MA), cursando Pós-Graduação *Lato Sensu* em Português Jurídico pela AVM – Faculdade Integrada.

³ Cursando Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras pela UFPI, é professora do IESM e orientadora deste trabalho.

vista que falar acerca do surgimento desses, é comprovar que a vida em sociedade é permeada de constantes mudanças comunicativas.

No caso do gênero em tela, o **perfil pessoal em sites de relacionamento**⁴, as mudanças de hábitos das pessoas que buscam um (a) parceiro (a) a fim de um contato amigavelmente, ou não, vêm causando fuga aos modelos comportamentais já tipificados na sociedade, surgindo assim novas estruturas textuais, materializadas virtualmente na *internet*, com finalidades próprias e de circulação específica em determinado suporte textual.

A *internet* é um banco mundial de dados interligados em rede e capaz de proliferar textos em tempo real. Qualquer pessoa, em princípio, tem acesso a esses textos e pode compartilhá-los sobre estruturas fixas e aceitáveis socialmente, embora novas. Isso torna a *internet* um espaço de divulgação de novas formas de comportamento comunicativo.

Dessa forma, o suporte *internet*⁵ funciona como uma fonte para a criação de novos gêneros do discurso, de um novo tipo de linguagem, modificando assim o comportamento da sociedade e a sua forma de pensar.

Serão analisados alguns perfis pessoais que fazem parte da rede de contatos dos pesquisadores, que tiveram a preocupação de criar perfis falsos (algumas vezes os autores assumiram o papel de sujeitos do sexo masculino, outras vezes do sexo feminino) para possibilitar as reais intenções da investigação, cujo objetivo é identificar a definição, estrutura e funcionalidade desse gênero a de um gênero textual (gênero emergente).

O *corpus* que subsidiará as análises desta pesquisa é composto por perfis do badoo.com.br, bez.com.br e ashleymadison.com, pois, embora sejam *sites* que possuem características e finalidades distintas de tipos de relacionamento, são classificados em uma mesma tipificação (perfis pessoais).

Desse modo, serão analisados cinco perfis de usuários do sexo masculino e cinco do feminino, de cada *site*, totalizando 30 perfis. Os usuários serão escolhidos de forma aleatória. Entretanto, para que compoñham esta análise, devem possuir seus perfis completamente preenchidos, de acordo com a exigência de cada *site*.

2 Aspectos teóricos a respeito dos gêneros textuais

⁴É bom lembrar que esse termo não é novo, mas ainda não se conhece um estudo aprofundado capaz de nomeá-lo como sendo, de fato, um gênero textual, mas um subgênero promocional.

⁵Essa concepção de tratar a *internet* como um suporte está em conformidade com o teórico Marcuschi (2008, p. 186).

2.1 OS GÊNEROS DO DISCURSO E AS CONCEPÇÕES TEÓRICAS DE BAKHTIN

O ponto de partida para o entendimento da funcionalidade e da base teórica para uma conceituação dos gêneros textuais está fundamentado nos estudos tradicionais dos gêneros do discurso realizados por Bakhtin [1979] (1997).

Para Bakhtin [1979] (1997), toda atividade humana está relacionada ao uso da língua, ou seja, faz referência a algum gênero do discurso. Esses gêneros discursivos se revelam na vida, concretamente, mediante os enunciados, por estruturas textuais que nascem e comportam um número infinito de formas textuais.

Dois fatores são indispensáveis para que haja superação da noção simplista de comunicação: o estudo da natureza do enunciado e dos gêneros do discurso, ou seja, os estudos do contexto situacional de produção dos gêneros e sua constituição textual.

Quando um falante escolhe um ou outro modo de transmissão de sua mensagem, faz isso optando por uma ou outra estrutura já existente no sistema da língua (os gêneros do discurso), criando vínculo sociocultural entre os outros usuários, destacando que, isto se dá não só na oralidade, mas também na escrita.

Para explicitar esses pensamentos, Bakhtin afirma que os gêneros do discurso constituem-se de “tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN, [1979] 1997, p. 279).

Desse modo, esse teórico contraria o significado vago da palavra “discurso”, quando referente “à língua, ao processo da fala, ao enunciado, a uma sequência (de comprimento variável) de enunciados, a um gênero preciso do discurso, etc. [...]” (BAKHTIN, [1979] 1997, p. 293). Assim, o discurso não existe sem o sujeito que se molda à forma do enunciado, no qual faz parte.

É por conta da diversidade de gêneros existentes e da capacidade humana de adequar as estruturas formais ao contexto social, que Bakhtin [1979] (1997) faz uma distinção entre os gêneros primários e secundários. Para ele, esta distinção tem grande importância teórica, visto que os fatos linguísticos são indispensáveis para qualquer estudo de gênero, “[...] sendo esta a razão pela qual a natureza do enunciado deve ser elucidada e definida por uma análise de ambos os gêneros (**os primários e os secundários**)”, como assegura Bakhtin ([1979] 1997, p. 281-282, grifo nosso).

Nesse mesmo pensamento, Koch (2011) argumenta:

Enquanto os primeiros (diálogo, carta, situações de interação face a face) são constituídos em situações de comunicação ligadas a esferas sociais cotidianas de relação humana, os segundos são relacionados a outras esferas, públicas e mais complexas, de interação social, muitas vezes mediadas pela escrita e apresentando uma forma composicional monologizada, absorvendo, pois, e transmutando os gêneros primários. (KOCH, 2011, p. 54).

Conforme Matêncio (2006), para identificar qualquer gênero não é necessária uma delimitação da sua forma e nem da natureza, mas sim considerar algumas características já discutidas por Bakhtin [1979] (1997), como o conteúdo temático, a construção composicional e o estilo.

Em “Os Gêneros do Discurso”, Bakhtin [1979] (1997) menciona também três fatores indissociavelmente ligados ao enunciado, a saber: o tratamento exaustivo do sujeito do sentido, o intuito discursivo e as formas estáveis do gênero do enunciado.

Dessa forma, compreende-se que é na troca de enunciados que o sujeito é capaz de escolher a forma discursiva, como esses enunciados serão estruturados, mesmo de forma automatizada. Fazendo referência aos propósitos de pesquisa do presente artigo, em comparação com o processo de interação entre os usuários dos *sites* de relacionamento que usam as estruturas fixas dos perfis pessoais no ato da comunicação entre parceiros, fazem isso de forma responsiva, com um intuito discursivo.

Nessa mesma perspectiva, afirma Bakhtin ([1979] 1997, p. 300-301) que: “[...] os parceiros diretamente implicados numa comunicação, conhecedores da situação e dos enunciados anteriores, captam com facilidade e prontidão o intuito discursivo [...]”.

Sabe-se que os gêneros são regulados e constituídos por parâmetros sócio-históricos no contato social. Contudo, o homem apenas os utiliza como instrumento de seus objetivos. As tipologias inseridas em cada gênero recebem uma expressividade própria da natureza do discurso, isso se dá porque cada gênero possui um destinatário ideal e está imerso em um arcabouço histórico-social específico.

Neste trabalho, a importância da análise bakhtiniana sobre os gêneros do discurso é extremamente necessária, especialmente, em se tratando de pensar na *internet* como um espaço que adquiriu, especialmente com o surgimento dos gêneros textuais emergentes,

uma linguagem própria e adaptável às necessidades e aspectos comunicativos de seus usuários, meio capaz de modificar o convívio do homem em sociedade.

2.2 A CIBERCULTURA E OS GÊNEROS TEXTUAIS EMERGENTES SEGUNDO MARCUSCHI

Têm-se discutido, com bastante frequência, sobre as práticas discursivas mediadas pelo computador, em especial pelo suporte *internet*. Esse suporte é capaz de possibilitar novas maneiras de produção e circulação dos discursos, além de diferentes formas de aprender, ensinar e comunicar-se, ou seja, novas formas de ver o mundo.

Com o surgimento dessa nova rede de comunicação, presenciou-se também o surgimento de uma nova cultura: a cultura eletrônica ou *cibercultura*⁶. Com esse avanço tecnológico, as práticas sociais de oralidade e escrita se modificaram, originando, assim, novos ambientes (virtuais) que possibilitam novas formas de comunicação, nos quais requer de seus usuários uma maior capacidade de articulação cognitiva do letramento digital.

Xavier (2007) conceitua letramento digital da seguinte forma:

O Letramento digital implica realizar práticas de leitura e escrita diferentes das formas tradicionais de letramento e alfabetização. Ser letrado digital pressupõe assumir mudanças nos modos de ler e escrever os códigos e sinais verbais e não verbais, como imagens e desenhos, se compararmos às formas de leitura e escrita feitas no livro, até porque o suporte sobre o qual estão os textos digitais é a tela, também digital. (XAVIER, 2007, p. 135).

De posse da leitura na tela, o letrado digital é capaz de ultrapassar as barreiras materiais, o que dificilmente ocorreria caso usasse outro suporte que não fosse o digital, visto que, à medida que o leitor se apossa das leituras eletrônicas e as decodifica, é inserido diretamente pelo contato virtual a uma infinidade de gêneros textuais/digitais ou emergentes.

É importante associar o surgimento dos gêneros textuais aos valores sociais e históricos da humanidade. Cada gênero surge com o propósito funcional de utilização prática, capaz de relacionar indivíduos conhecedores do letramento digital. Esses indivíduos

⁶ Para Lévy (1999), o neologismo *cibercultura* quer dizer o conjunto de técnicas materiais e intelectuais, de práticas, de atitudes, de modos de pensamentos e de valores desenvolvidos em conformidade com o crescimento do novo meio de comunicação que se originou na interconexão mundial de computadores: o *ciberespaço*.

são reportados às condições parecidas com a realidade, pois os gêneros digitais têm a capacidade de relacionar cognitivamente às “formas bastantes características de contextualização” (MARCUSCHI, 2009, p. 21).

Não há que se falar nos novos gêneros emergentes como sendo absolutamente “novos”. A assimilação e transmutação dos gêneros foram previamente mencionadas por Bakhtin [1979] (1997). Como exemplo disso é fácil reportarmos ao surgimento do *e-mail*, gênero emergente que evoluiu da carta. O que hoje se chama de gêneros emergentes é nada menos que uma adaptação de alguns gêneros e suas velhas bases.

Uma característica preponderante desses gêneros é claramente descrita por Marcuschi (2009, p. 15), ao afirmar que “os gêneros emergentes nessa nova tecnologia são relativamente variados, mas a maioria deles tem similares em outros ambientes, tanto na oralidade como na escrita”.

Outro fator de mudança presente nos gêneros emergentes são os relacionados ao uso da linguagem. Observa-se que há mais recursos utilizados nos gêneros digitais que nos gêneros não transmutados, porque não é somente a linguagem verbal que faz parte da sua forma, entretanto há “[...] vários tipos de semiotes: signos verbais, sons, imagens e formas em movimento” (MARCUSCHI, 2010, p. 21).

Em Marcuschi (2009, p. 33-34), há pelo menos doze gêneros textuais emergentes na mídia virtual, contudo, os perfis pessoais em *sites* de relacionamento não constam nessa lista, mas não há dúvida que, com a disseminação de textos autodescritivos em *sites* de relacionamento, tais formatos textuais devem ser estudados não somente como uma variante do subgênero promocional disseminado no formato digital, mas como um gênero textual emergente com características próprias.

2.3 A PERSPECTIVA SOCIORRETÓRICA SEGUNDO MILLER

Nas diversas perspectivas dos estudos de gêneros enumeradas na obra de Marcuschi (2008), o teórico procurou fazer um paralelo entre os estudos divulgados no Brasil com aqueles difundidos internacionalmente. Por isso, esta linha de estudo desenvolvida por estes autores está recebendo influência de Mikhail M. Bakhtin e dos norte-americanos Charles Bazerman e Carolyn R. Miller; além de serem disseminados a nível nacional pelas

universidades federais de Pernambuco e da Paraíba, cuja ação é voltada para a compreensão do funcionamento social e histórico dos gêneros.

Os estudos sociorretóricos/sócio-históricos e cultural de Miller (2012) comprovam que os gêneros são constituídos a partir das ações sociais, e isso faz com que as análises desses estudos funcionais sejam consideradas, embora haja diversos teóricos afirmando que a validação de um gênero só é dada quando há uma observação dos aspectos formais.

Nessa perspectiva, Miller (2012, p. 21) considera errônea a crítica de um gênero quando há um distanciamento entre o texto e o leitor, porque é “[...] um convite ao reducionismo, a regras, ao formalismo”.

A norte-americana foi enfática ao afirmar que os gêneros não são formas verbais de ações sociais estabilizadas, mas propriedades dos textos e guias para os interlocutores. (MILLER, 1984 apud MARCUSCHI, 2008, p. 159). Nesse mesmo grau de compreensão estão os estudos linguísticos contemporâneos, ao lançar o desafio de análise cognitiva de gênero, deixando de lado as análises dicotômicas que contemplam ou a forma, ou a função simplesmente (MARCUSCHI, 2008).

A adoção de um gênero foi teorizada por Koch (2011) e consiste em:

[...] uma decisão estratégica, que envolve uma confrontação entre os valores atribuídos pelo agente produtor aos parâmetros da situação (mundos físicos e socio subjetivo) e os usos atribuídos aos gêneros do intertexto. A escolha do gênero deverá, como foi dito, levar em conta os **objetivos visados, o lugar social e os papéis dos participantes** (KOCH, 2011, p. 55, grifo nosso).

No entendimento de Miller (2012), o que é chamado de “situação retórica tipificada” é o uso de um gênero em situações recorrentes de uso, ou seja, a diferenciação de um gênero para outro se dá pela fusão entre substância e forma.

A substância consiste no valor semântico do discurso, os aspectos comuns simbolizados. Já a forma é a maneira como a substância é simbolizada (BURKE, 1968 apud MILLER, 2012).

Assim, Castro (2012), usando dos empréstimos teóricos de Bakhtin [1979] (1997), descreve que o gênero também possui duas partes:

O gênero possui uma **parte tipificada**, construída através do conhecimento compartilhado de determinada comunidade, e uma **parte material**, o texto

materializado. A parte tipificada decorre do seu caráter social, porque grande parte de suas características vêm da prática social compartilhada dos indivíduos. Isso acarreta uma imagem social desse gênero, de como ele pode ser configurado e de como ele pode ser utilizado. A parte material é o texto produzido pelos usuários dentro de uma prática social, ou seja, o gênero materializado, enquanto a parte não material seriam as características do gênero compartilhadas por um grupo de pessoas (CASTRO, 2012, p. 13, grifo nosso).

O que Miller (2012) considera como substância, é nada menos que a funcionalidade dos gêneros, a essência que cada forma textual carrega em si. Já em Castro (2012), as partes nomeadas de tipificada e material, é de fato a função e a forma, respectivamente.

Dentre as cinco características particulares para a compreensão de gêneros, nomeadas por Miller (2012), duas delas são voltadas para a fusão entre forma/substância, a saber:

3. O gênero é distinto de forma: a forma é o termo mais geral usado em todos os níveis da hierarquia. O gênero é uma forma num nível particular, que é a fusão de formas de níveis mais baixos e a substância característica.
4. O gênero serve como a substância de formas em níveis mais altos; como padrões recorrentes do uso linguístico, os gêneros ajudam a constituir a substância de nossa vida cultural (MILLER, 2012, p. 39).

A particularidade do gênero quanto a esses aspectos de forma/substância faz dele um artefato linguístico usado não somente para ser apreciado quanto aos seus aspectos, mas em níveis hierárquicos: dos mais particulares para os mais altos níveis de uso linguístico em sociedade.

3 O que são *sites* de relacionamento?

Nesta seção, busca-se o conceito de ***sites de relacionamento***⁵, conhecidos também como *sites* de redes sociais ou comunidades virtuais, de acordo com diversas concepções, este objetiva-se um esclarecimento do assunto, para posteriormente relacionar-se a utilidade e os efeitos desse suporte ao gênero perfil pessoal.

⁵ Tratar-se-á neste artigo o termo *sites*, conforme Marcuschi (2008, p. 186), como um suporte textual e não um gênero textual.

Dentre as cinco características que definem a noção de comunidade, Erickson (1997) menciona o relacionamento; essa característica consiste em os membros de uma comunidade constituir laços de intimidades entre si, cuja finalidade vai desde relacionamentos casuais a amizades estáveis (ERICKSON, 1997 apud MARCUSCHI, 2009, p.25-26).

Para que haja entendimento dos conceitos de Lévy (1999) sobre comunidades virtuais, é necessário associar a um princípio característico do *ciberespaço*: o da interconexão. Para a *cibercultura*, a conexão corresponde ao isolamento, é um bem em si, ou seja, "é a comunicação universal: cada computador do planeta, cada aparelho, cada máquina, do automóvel à torradeira, deve possuir endereço na *Internet*" (LÉVY, 1999. p. 127).

Esse autor afirma que a comunidade virtual (segundo o princípio da *cibecultura*) tem seu alicerce na interconexão, visto que ela é formada sobre afinidades e interesses, de conhecimentos, em processo de trocas mútuas, independentes de estar geograficamente próximos ou não (LÉVY, 1999).

Para Boyd e Ellison (2007):

Os *sites* de redes sociais são **serviços** baseados na *web*, que permitem aos indivíduos (1) construir um perfil público ou semipúblico dentro de um sistema limitado, (2) articular uma lista de outros usuários com quem compartilham uma ligação, e (3) ver e percorrer as ligações feitas por outras pessoas dentro do sistema (BOYD e ELLISON, 2007 apud FERRARI, 2010, p. 48, grifo nosso).

Diante do exposto, o conceito de *sites* de redes sociais na concepção de Boyd e Ellison (2007) cumpre com o objetivo de buscar um conceito para o tema em destaque, desde que não se admita a concepção de que esses *sites* sejam serviços, pois, como afirmado anteriormente, os *sites* de relacionamento consistem de um suporte textual infiltrado em outro suporte, o da *internet*. Entretanto, é aceitável considerar que Boyd e Ellison (2007), por serem desconhecedores dos estudos linguísticos, usaram essa nomenclatura unicamente para chegar a uma definição temática.

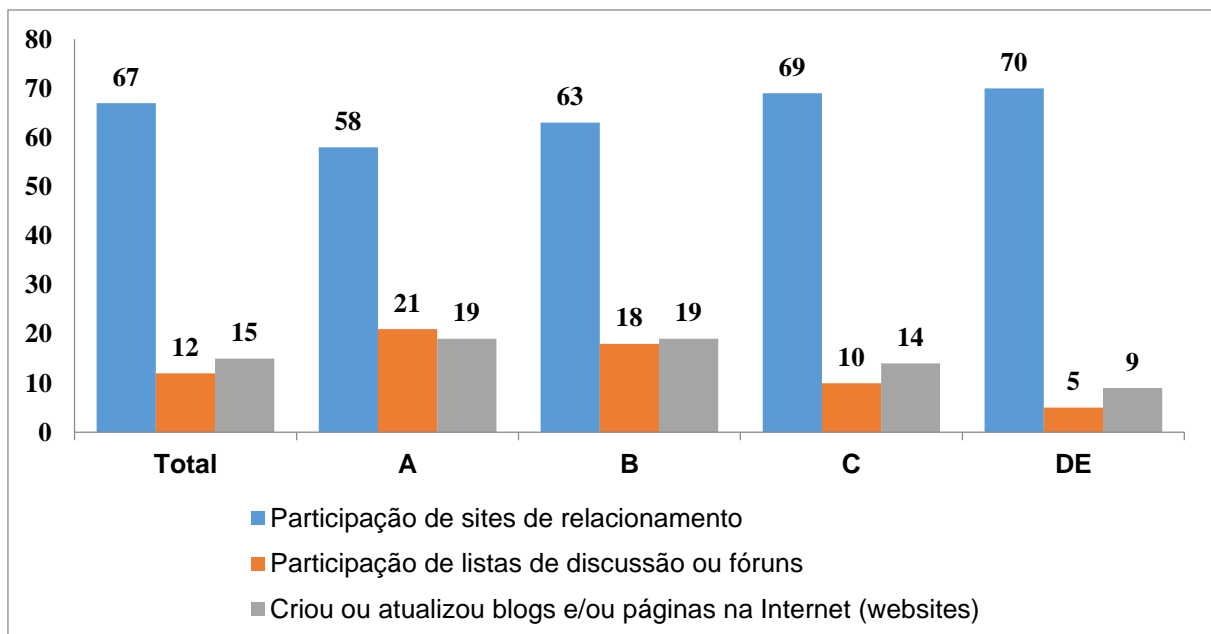
Outro conceito bastante relevante sobre redes sociais é o de Barbosa, Cappi e Tavares (2010), quando dizem que:

As redes sociais constituem um espaço, no qual a interação entre as pessoas permite a construção coletiva, a mútua colaboração, a transformação e o compartilhamento de ideias em torno de interesses mútuos dos atores sociais que as compõem. A *Internet* potencializa o poder dessas redes, devido à velocidade e à capilaridade com as quais a divulgação e a absorção de ideias acontecem (BARBOSA; CAPPI; TAVARES, 2010, p. 52).

À medida que os teóricos categorizam os indivíduos atuantes das redes sociais com atores sociais no seu contexto de atuação, estão afirmando que é na rede de comunicação que a linguagem simbólica envolve os participantes da relação, além de darem total liberdade para expressarem suas ideias e compartilharem seus valores ideológicos, sejam eles verdadeiros ou não.

Pesquisas recentes apontam para um crescimento significativo dos perfis de usuários de redes sociais. E, dentre as três atividades desenvolvidas na *web*, a participação em *sites* de relacionamento é a atividade mais difundida, ganhando da participação em fóruns e listas de discussão e da criação e atualizações de *blogs*, segundo Barbosa, Cappi e Tavares, (2010):

Gráfico 01: *Sites de relacionamento, blogs e listas de discussão.*
Percentual sobre os usuários de *internet*



Fonte: (BARBOSA; CAPPI; TAVARES, 2010, p. 56).

No gráfico acima, pode-se constatar que, conforme as classes sociais A, B, C e DE o maior percentual de participantes de *sites* de relacionamento está entre aqueles com menor

poder aquisitivo, que registra 70%, enquanto que a participação em listas de discussão ou fóruns tem maior percentual entre aqueles de maior poder aquisitivo (classe A), mantendo um percentual de 21%.

4 O que é o gênero perfil?

O gênero perfil pode está presente nas várias situações de convívio social. São identidades sociais, profissionais e pessoais, cujo objetivo é situar o indivíduo às diversas modalidades de interação social. Esses textos são capazes de informar os sujeitos interessados na divulgação ou absorção de informação desconhecidas de outrem, desde gostos pessoais por algum tipo de comida, *hobbies*, características psicológicas e físicas, a habilidades profissionais.

Para Vilhena (2011, p. 23-24), os perfis presentes no *site Orkut* podem ser divididos em três tipos:

Social – perfil em que o usuário escreve um pouco de si mesmo, de suas características, como: gostos, livros preferidos, músicas, programas de TV, filmes, comida, opção política ou sexual;

Profissional – o usuário pode, se lhe for conveniente, fazer uma seleção da atividade profissional que exerce ou exerceu, do grau de escolaridade que possui e da carreira que segue ou pretende seguir;

Pessoal – o perfil pessoal facilita nas relações interpessoais. Há informações físicas e sobre o tipo de pessoa com quem gostaria de se relacionar, ou, até mesmo, informações do tipo de pessoa com quem gostaria de namorar, casar, ou apenas ter alguma amizade.

Adotar-se-á, neste trabalho, a classificação de Vilhena (2011) para categorizar as três espécies de perfis existentes na sociedade, quando se trata de pessoas e não instituições, a saber: o perfil social, o perfil profissional e o perfil pessoal.

É bom lembrar que, na *cibercultura* esses gêneros podem aparecer imbricados, à medida que em um determinado *site* seja exigido tanto que o usuário mencione dados de sua vida social, profissional e/ou pessoal. Isso se dá pela plasticidade e elasticidade do *ciberespaço*, o que permite misturar, articular e incorporar textos verbais e não verbais, imagéticos e sonoros, tudo associado por negociações intersemióticas (FERRARI, 2007 apud FERRARI, 2010, p. 48).

4.1 PERFIL PESSOAL

Nesta subseção buscar-se-á o conceito do gênero textual perfil pessoal, em suporte específico: os *sites* de relacionamento; os propósitos comunicativos e a noção compreensiva da fusão forma/substância.

Embora no gênero emergente em análise haja pouquíssimos aspectos estáveis, o propósito deste estudo é levar a uma compreensão mais parecida com a realidade, observando-se os aspectos da relação entre texto e sociedade.

O conceito mais próximo do objetivo deste estudo foi encontrado na Wikipédia, a enciclopédia livre⁷:

Perfil, em [redes sociais](#), [sites de relacionamento](#), [blogs pessoais](#), ou [comunidades virtuais](#), se refere a um cadastro de dados pessoais, de contato, e preferenciais de um determinado usuário. Parte destes dados podem ser públicos, sendo compartilhados com os demais usuários, ou privados, dependendo do tipo de perfil, tipo de comunidade ou configurações de privacidade definidas pelo usuário. Existem diversos tipos de perfis nas diversas redes sociais e *sites* de relacionamento, a maior parte deles contém dados comuns como: nome, sobrenome, *e-mail*, [nickname](#), data de aniversário, endereço, etc. Em alguns casos um perfil pode conter dados específicos de um usuário necessários para a prestação de determinado serviço, por exemplo, alguns *sites* de [micro-blog](#) oferecem a opção de enviar as mensagens recebidas para o [aparelho móvel](#) do usuário, neste caso, é necessário que o mesmo tenha informado o número e seu celular no cadastro (WIKIPÉDIA).

Pela definição apresentada, observa-se a semelhança dos perfis pessoais com as fichas de dados cadastrais, comumente utilizadas para registro de informações particulares. Entretanto, o gênero perfil pessoal é mais que isso, porque há expressões com a finalidade de seduzir os interlocutores, mas essas estruturas não estão presentes nas fichas de dados cadastrais.

Segundo Bhatia (1993), essas expressões são chamadas de chamariz, que é o uso de estratégias de chamamento, frases pessoais de impacto, engraçadas, sedutoras,

⁷ Não se busca nesta definição um conceito fechado e teórico, mas uma definição que gere uma discussão entre os teóricos apresentados neste artigo.

inesperadas, utilizadas pelos usuários para atrair o interlocutor (BHATIA, 1993 apud GAMA e SILVA, 2006).

As expressões de sedução são utilizadas pelo uso da função apelativa da linguagem, geralmente apresentadas no início dos perfis, cuja finalidade é atrair a atenção de outros usuários. Veja algumas dessas expressões:

Quadro 01: Chamarizes encontrados nos *sites* em análise

SITES	CHAMARIZES
<i>badoo.com.br</i>	<p>(1) "Ame a vida, que a Deus..."</p> <p>(2) "Não sou de demonstrar sentimentos, porém sou cheio deles, sofro em silêncio, amo com o olhar, e falo por sorrisos."</p> <p>(3) "Gosto de tudo que me surpreenda."</p> <p>(4) "Uma revolução começa quando o desejo de vários são dirigidos às ações de um."</p>
<i>bez.com.br</i>	<p>(1) "Porque viver a dois é melhor."</p> <p>(2) "Entender-me não é questão de inteligência e sim de sentir."</p> <p>(3) "Oi, responderei com maior prazer todas as mensagens que não forem automáticas ou prontas da mesma forma que não envio mensagens prontas, quando eu me interessar eu aviso. Bjs"</p> <p>(4) "Espero ter a oportunidade de te conhecer! Será fantástico!!!"</p>
<i>ashleymadison.com</i>	<p>(1) "Desiludida com tudo... ou quase tudo!!!"</p> <p>(2) "Procurando novos momentos, novos lugares, novos olhares..."</p> <p>(3) "Não quero menino no meu pé... tem q ser maduro."</p> <p>(4) "Olá meus querido passivo não afeminados quero encontrar uma amor."</p>

Fonte: Quadro elaborado pelos autores da pesquisa. Dados dos *sites* em análise.

É necessária a retomada do item deste trabalho que versa sobre os gêneros discursivos em Bakhtin [1979] (1997), no qual menciona, dentre os três fatores indissociáveis ao enunciado, o intuito discursivo. A associação deste fator no discurso dos perfis pessoais dos *sites* de relacionamento é expressa, *a priori*, pelas estratégias de chamamento (chamarizes), geralmente situadas na introdução dos perfis, cuja função é atrair e/ou impressionar o outro, dentro de um objetivo discursivo, para que os demais usuários sejam atraídos para visitar ou não seus perfis.

Na atualidade, a vida social tem passado pelo mundo digital, isso porque há uma dependência entre as duas realidades, a *factual* e a virtual. Para a compreensão das mudanças de comportamento social em relação ao uso de tecnologias, é preciso ter uma visão dos “fenômenos de conhecimento psicossocial”, mencionado por Bazerman (2009, p. 31).

Os valores sociais e históricos da humanidade têm mudado diante do surgimento das diversas tecnologias da informação, e isso inclui o surgimento dos gêneros textuais emergentes. Com isso, os indivíduos participantes da *cibercultura* são levados às situações parecidas com a realidade, como foi mencionado por Marcuschi (2009, p. 21). Como exemplo disso tem-se o sexo praticado à distância, teorizado por Lévy (1999), que recebe o nome de *cibersexo*⁸.

Nesse mesmo grau de compreensão, Ferrari (2010) lança esta reflexão:

Nas cidades, surgiram outros pontos de referência, como os *shopping-centers*, a TV e o computador. Os cidadãos não se encontram mais na praça após a saída da missa, por exemplo. A troca do espaço físico pelo espaço ideal, que muitas vezes pode ser apenas o espaço virtual, tornou a circulação da informação um processo hexadecimal (01010101...), que infinitamente gera novos e novos ruídos. A informação não segue mais um caminho linear. Essas redes sociais, entrelaçadas em verdadeiros rizomas hipertextuais, tem ajudado a transformação urbana – verticalização de moradias, diminuição do espaço físico das residências, insegurança, **solidão** e menor gasto de energia (FERRARI, 2010, p. 49, grifo nosso).

É devido ao aspecto solidão que os usuários constroem seus perfis pessoais nos *sites* de relacionamento, iniciando assim a busca incessante por pessoas interessantes para uma troca virtual de interatividade mútua.

No objetivo de associar a realidade virtual à realidade *factual*, os *sites* de relacionamento criam mecanismos para reportar seus usuários a uma ideia de contextualização. Essa troca de informações entre usuários dos perfis pessoais é feita pela interação. A interação virtual foi teorizada por Lévy (1999) e consiste, também, no diálogo existente entre as pessoas no mundo virtual.

⁸ Conforme esse teórico, o *cibersexo* é uma relação sexual à distância por intermédio da rede e de combinações de realidade virtual.

A interação nesse gênero vai desde os recursos imagéticos, como o uso de imagens fotográficas, até a decodificação dos dados do perfil por outros usuários também participantes da comunidade virtual.

Sabe-se que, à medida que o uso dos textos torna-se regular na sociedade, as pessoas são capazes de criar novas realidades de significação. Para Bazerman (2009), a partir do momento que os textos executam tarefas similares e de controle social, eles são motivos de investigação sociocultural.

5 Dos classificados ao gênero perfil pessoal: uma proposta de transmutação

Desde que haja comprovação teórica contrária, todo e qualquer gênero textual emergente apresenta características comuns de interatividade comunicativa de outro gênero não digital, é o que se chama de transmutação.

Nesta seção, será apresentada uma proposta de verificação de um gênero não digital capaz de ter dado origem ao gênero textual emergente em análise, o perfil pessoal em *site* de relacionamento.

Para tal, os pesquisadores, em busca de um gênero preexistente que tenha a mesma função e funcionalidade do gênero emergente em análise, identificaram os anúncios pessoais dispostos em classificados de jornais impressos como cumpridores desse papel. Observe os exemplos:

Figura 01: Anúncio pessoal em classificados



Fonte: Recorte de jornal impresso (Jornal Meionorte⁹).

Nota-se que a pessoa deste anúncio está interessada em conhecer homens para uma relação de namoro, além do que, a pessoa procurada deve compartilhar das mesmas opções sexuais do anunciante.

Dentre os *sites* analisados, o que cumpre com fidelidade esse papel de comportar perfis que buscam relacionamentos em níveis maior de seriedade está o bez.com.br. Isso se dá pelo nível de perguntas geradas pelo sistema do *site*; alguns *sites* preservam o lado afetivo-emocional, outros as características físicas e as opções sexuais.

Veja um recorte do perfil do *site* em análise:

Figura 02: Perfil pessoal do bez.com.br

“ Sejam bem-vindos ao meu perfil! ” [Editar](#)

Dados básicos [Editar](#)

Idade	31
Profissão	Professor
Instrução	Graduação - Licenciatura
Cidade	Teresina
Região	Piauí
País	Brasil
Altura	175cm

[Editar foto](#)

Fatos Estilo de vida **Ponto de vista** Análise da sua personalidade

Responda a todas as perguntas para completar esta seção. Veja o perfil de seus candidatos para comparar seus pontos de vista.

1. Pontos de vista sobre relacionamentos e preferências [Editar](#)

Em um relacionamento sério, a fidelidade é *importante*

Necessidade de abertura em um relacionamento *forte*

O melhor na criação dos filhos é *relativamente liberal*

Quando uma tarefa desagradável precisa ser feita, minha tendência é... *esperar até o último minuto*

2. Quão importante são essas coisas para você? [Editar](#)

um estilo de vida luxuoso *não é importante*

Fonte: www.bez.com.br.

Fazendo relação com um dos objetivos aqui propostos, tem-se que: é notória a transmutação entre esses gêneros, porque, mesmo que no gênero não transmutado não traga muitas informações como no gênero emergente, os sujeitos envolvidos nos gêneros têm objetivos em comum, o de encontrar alguém para um futuro relacionamento. Observe outras características nesta exposição:

Figura 03: Anúncio pessoal em classificados

⁹ JORNAL MEIONORTE, Teresina, 21 fev. 2014. Classificados, Caderno E, p.12.

ADRIANA. - belíssima u-
niversitária, educada,
discreta p/ homens que
gostam de ser beijado e
carinhos. 8141-3571.
(490311/9)

Fonte: Recorte de jornal impresso (Jornal Meionorte¹⁰).

Nessa exposição, a pessoa já se utiliza de um nome, mesmo que seja fictício, e usa excessivas adjetivações, na proporção em que expõe sua personalidade, trazendo ao leitor uma concepção positiva da imagem de si.

Em comparação com o gênero emergente transmutado, atente-se para a figura e veja essas características:

Figura 04: Perfil pessoal do badoo.com.br

https://badoo.com/01202641539/

Michelle, 26 ← Nome

Conversar Favoritos ou

Quer fazer amizades

Sobre mim

Eu sou uma pessoa calma, romântica, tranquila e na minha! "Não gosto de nada ESCANDALOSO". Sou carinhosa, amiga sou uma garota muito simples e amo ter pessoas humildes ao meu redor. Gosto que saibam o q querem. Meu defeito: Amar intensamente em quanto durar! Eu gosto de tudo q me surpreende. Adoro a simplicidade, e os pequenos gestos de carinho. Gosto de pessoas que me abraçam quando estou ...

Interessado em

Add no whatsapp (086) 8740

Mais informações

Eu estou:	Solteira
Aparência:	167 cm (5' 6"), 51 Kg (112 lbs), em forma e olhos castanhos
Moro:	Com meus pais
Filhos:	Um dia
Fumador::	Não-fumadora
Álcool:	Não
Educação:	Universidade
Idiomas:	Português
Profissão:	Estudante.

Adjetivação

Fonte: www.badoo.com.br.

¹⁰ JORNAL MEIONORTE, Teresina, 21 fev. 2014. Classificados, Caderno E, p.12.

É importante enfatizar que, em cada anúncio de classificado, há sequências tipológicas semelhantes às aquelas encontradas nos perfis pessoais. Como exemplo disso, no quadro abaixo há um comparativo entre as sequências tipológicas existentes em um dos anúncios exemplificados e um perfil pessoal.

Quadro 02: Sequências tipológicas

Sequências Tipológicas	Anúncio de classificados (Jornal Meionorte ¹¹)	Sequências Tipológicas	Perfil pessoal em <i>site de relacionamento</i> (ashleymadison.com)
Exposição	CRISMEL	Exposição	Travessinho07
Narrativa	8861-5753/9942-2622	Injuntiva	"Vamos fazer algo de bom hoje!!!"
Descritiva	22 anos	Descritiva	Idade: 24(touro)
Descritiva	1,60 m	Descritiva	Altura: 1,56m
Argumentativa	Loira	Descritiva	Peso: 83 Kg
Argumentativa	Safadinha	Argumentativa	Status: Mulher solteira procura homens

Fonte: Quadro elaborado pelos autores da pesquisa, conforme Marcuschi (2008, p. 156-157).

É notável nessa análise comparativa, em ambos os gêneros, a predominância da sequência tipológica descritiva, e isso acontece porque a natureza dos gêneros exige, e suas construções são feitas mediante o descrever as características pessoais de cada anunciante/usuário.

A transmutação foi teorizada por Bakhtin [1979] (1997). Na obra citada o teórico menciona duas classificações dos discursos: o discurso primário (simples) e o secundário (complexo), este durante o processo de sua formação tem capacidade de absorver e transmutar os discursos daquele. Já Marcuschi (2010, p. 21) afirma que "[...] os novos gêneros não são inovações absolutas, quais criações *ab ovo*, sem uma ancoragem em outros gêneros já existentes".

Diante dessa temática, Miller (2012) também menciona da constituição dos gêneros contemporâneos mediante a existência de outro gênero original. E, finalmente, Bazerman (2009), afirma que as formas textuais padronizadas consistem na realização dos atos de fala (os gêneros), que se relacionam a outros textos e gêneros em circunstâncias comuns.

¹¹ JORNAL MEIONORTE, Teresina, 21 fev. 2014. Classificados, Caderno D, p.13.

6 Considerações Finais

Este artigo teve por finalidade o estudo da função e da formação dos textos dos perfis pessoais em *sites* de relacionamento, observando-se os aspectos sociais e históricos de construção discursiva das informações fornecidas pelos usuários dos *sites* dessa natureza, não se esquecendo da proposta de categorizar esses perfis como gêneros emergentes *de facto*, com características próprias e presentes em suporte específico.

Usando do empréstimo das reflexões de Miller (2012), quando menciona sobre o surgimento das mídias como radicalmente novas, em que é preciso encontrar alguma maneira de tornar os meios tecnológicos visíveis à análise, não se procurou, neste estudo, trazer taxonomia a respeito do assunto – até porque os gêneros são dinâmicos e se deterioram com facilidade – mas o objetivo foi dar o pontapé inicial para que outras pessoas se debruem em futuras análises.

Conclui-se que, com o advento da *internet* o comportamento da sociedade mudou bruscamente - e ainda vem mudando - afetando as formas de relacionamento. A perspectiva sociorretórica supriu, em partes, os objetivos desta pesquisa, entretanto ainda se sabe muito pouco dos novos tipos de relacionamento emergidos do emaranhado convívio virtual. Seria importante conhecer a fundo os usuários idealizadores dos perfis pessoais, não se esquecendo de analisar como os *sites* de relacionamento criam estratégias para manter os participantes das redes de relacionamento *on-line*, manipulando seu agir e monitorando suas intimidades.

Referências

BAKHTIN, Mikhail M. **Estética da criação verbal**. Tradução do francês por Maria Ermantina Pereira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, [1979]1997.

BARBOSA, Alexandre; CAPPI, Juliano; TAVARES, Robson. Redes sociais: revolução cultural na *internet*. In: CGI. br. **Pesquisa sobre o uso das tecnologias da informação e da comunicação no Brasil 2005-2009**. São Paulo: Comitê Gestor da *Internet*, 2010, p. 51-57.

BAZERMAN, Charles. Atos de fala, gêneros textuais e sistemas de atividades: como os textos organizam atividades e pessoas. In: BAZERMAN, Charles; DIONÍSIO, Angela P.; HOFFNAGEL, J. C. (org.). **Gêneros textuais, tipificação e interação**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2009, p.19-46.

CASTRO, Bruno Diego de Resende. **Apropriações institucionais do *twitter***: uma análise sociorretórica dos perfis institucionais de IES piauienses. 2012. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Letras) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2012. Disponível em: <<https://docs.google.com/file/d/0B-roQVeogMnGeHBqS3RfQWZ1VDO/edit>>. Acesso em: 20 maio 2014.

FERRARI, Pollyana. Redes sociais ditam a nova taxonomia da *web*. In: CGI. br. **Pesquisa sobre o uso das tecnologias da informação e da comunicação no Brasil 2005-2009**. São Paulo: Comitê Gestor da *Internet*, 2010, p. 47-50.

FURLANETTO, Maria Marta. **Argumentação e subjetividade no gênero**: o papel dos *topoi*. Revista Linguagem em (Dis)curso, v. 6, n. 3, p. 519-546, set./dez. 2006. Disponível em: <http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/348>. Acesso em 29 maio 2014.

GAMA e SILVA, Beatriz Orlandini. **Um novo subgênero promocional**: seduzindo na *internet*. Cadernos de Letras da UFF – Letras & Infovias, n. 32, p. 83-95, jan./jun. 2006. Disponível em: <<http://www.cadernosdeletras.uff.br/images/stories/edicoes/32/artigo4.pdf>>. Acesso em: 22 maio 2014.

JORNAL MEIONORTE, Teresina, 21 fev. 2014. Classificados, Caderno D, p.13.

JORNAL MEIONORTE, Teresina, 21 fev. 2014. Classificados, Caderno E, p.12.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gênero e compreensão**. São Paulo: Parábola Editora, 2008.

_____. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. Carlos. (orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais**: novas formas de construção de sentido. São Paulo: Cortez, 2009, p. 15-80.

_____. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010, p. 19-38.

MATÊNCIO, Maria de Lourdes M. Os estudos dos gêneros do discurso: leitura e efeitos da abordagem bakhtiniana. In: EMEDIATO, Wander; MACHADO, Ida L.; MENEZES, William (orgs.). **Análise do discurso: gêneros, comunicação e sociedade**. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2006, p. 215-226.

MILLER, Carolyn R. **Gênero textual, agência e tecnologia**. DIONÍSIO, Angela Paiva; HOFFNAGEL, J. C. (orgs.). Tradução de Judith Chambliss Hoffnagel. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

PERFIL comunidade. In: **Wikipédia**: a enciclopédia livre. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Perfil_%28comunidade%29>. Acesso em: 05 maio 2014.

VILHENA, Kelly Chistine L. D. Leite de. **Quem sou eu? A construção de imagem pública: o gênero perfil no Orkut**. 2011. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2011. Disponível em:<http://portais4.ufes.br/posgrad/teses/tese_5009_Disserta%E7%E3o%20-%20Kelly%20Christine%20Lisboa.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2014.

XAVIER, Antonio Carlos dos Santos. Letramento digital e ensino. In: SANTOS, Carmi Ferraz; MENDONÇA, Márcia. (orgs.). **Alfabetização e letramento: conceitos e relações**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p. 133-148.